

«O que foi que te trouxe aqui? O que te liga a esta experiência?»

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

1. Experiência do humano

por Luigi Giussani*

Mesmo depois da longa convivência com Jesus, depois do desastre do Calvário e do mistério da Páscoa, os Apóstolos haviam compreendido ainda muito pouco a respeito dEle. De fato¹, perguntaram-Lhe ainda quando estabeleceria o reino de Israel, tal como era concebido por todos, um reino de Israel, tal como era concebido por todos, um reino de supremacia terrestre e política; e faltavam poucas horas para a sua subida ao céu!

Se não o tinham compreendido ainda, por que o seguiam? E havia entre eles pessoas que tinham deixado mulher, filhos, casa, barcos e redes, profissão, negócios. Por que o seguiam?

Porque Cristo tinha se tornado seu centro afetivo.

Como isto foi possível?

Cristo era o *único* em cujas palavras sentiam que toda a sua experiência humana era compreendida, e as suas necessidades eram levadas a sério e trazidas à luz naquilo em que eram desconhecidas e confusas; assim, por exemplo, aqueles mesmos que acreditavam necessitar apenas de pão começam a compreender que “não só de pão vive o homem”.

Cristo se lhes apresenta exatamente assim, como um Outro que vem, surpreendentemente, ao seu encontro, ajuda-os, explica o seu sofrimento, cura-os mesmo que sejam aleijados ou cegos, faz bem à alma, responde às suas exigências, está inteirado de sua experiência... Mas o que são as suas experiências? As suas experiências, as suas necessidades, as suas exigências são eles mesmos, aqueles homens que estão ali, a sua própria humanidade.

Cristo chega, pois, exatamente aqui, à minha postura de homem, quer dizer, de alguém que espera alguma coisa, porque se sente totalmente carente; colocou-se junto a mim, propôs-se à minha necessidade original.

Para encontrar Cristo, devemos, portanto, antes de mais nada, colocar seriamente o nosso problema humano. »

¹ Cf. At 1,6.

* Do volume *O caminho para a verdade é uma experiência*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2006, pp. 103-105.

» Devemos, primeiramente, abrir-nos a nós mesmos, ou seja, tomar consciência vivamente das nossas experiências, olhar com simpatia o humano que está em nós, devemos levar em consideração o que está em nós, devemos levar em consideração o que verdadeiramente somos. Considerar quer dizer levar a sério tudo o que experimentamos, *tudo*, colher *todos* os aspectos, buscar *todo* o seu significado.

É preciso prestar muita atenção, porque muito facilmente não partimos da nossa experiência verdadeira, isto é, da experiência completa e genuína. De fato, muitas vezes identificamos a experiência com impressões parciais, reduzindo-a, assim, numa mutilação, como frequentemente acontece no campo afetivo, no namoro ou nos sonhos com o futuro.

E mais frequentemente ainda confundimos a experiência com preconceitos ou esquemas, talvez inconscientemente assimilados do ambiente. Por isso, em vez de nos abirmos naquela atitude de espera, de atenção sincera, de dependência, que a experiência sugere e exige profundamente, impomos à experiência categorias e explicações que a bloqueiam e angustiam, presumindo resolvê-la. O mito do “progresso científico que um dia irá solucionar todas as nossas necessidades” é a fórmula moderna dessa presunção selvagem e repugnante: não considera nem mesmo as nossas necessidades verdadeiras, tampouco sabe o que são; recusa-se a observar a experiência com olhos abertos, e a aceitar o humano em tudo quanto ele exige. Por isso, a civilização de hoje faz com que nos movamos cegamente entre essa exasperada presunção e o mais tenebroso desespero.